



O olhar da Tríplice Fronteira sobre si mesma: o caso da Gazeta do Iguazu

Anelise Schütz DIAS²

Gregório Lopes MASCARENHAS³

Ada Cristina Machado da SILVEIRA⁴

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

Resumo:

A cobertura jornalística realizada em Foz do Iguazu referindo-se à Tríplice Fronteira é estruturada em torno de pautas como a violência, o terrorismo, a exclusão social e as contravenções legais. O presente trabalho busca, através das teorias de olhar burocrático e de ordem do discurso, de Michel Foucault, dos estudos sobre comunicação, cultura e hegemonia, de Jesús Martín-Barbero e da pesquisa sobre ambivalência de Ada Machado da Silveira, entender como a ação da mídia local reforça o imaginário da violência nas fronteiras internacionais.

Palavras-chave:

Tríplice Fronteira; Jornalismo; imaginário; violência e ambivalência.

-
1. Este trabalho faz parte de um projeto maior intitulado “Ambivalência de fronteiras e favelas na cobertura jornalística”, coordenado pela Profª Drª Ada Cristina Machado da Silveira. No artigo apresentado no Intercom Sul 2011, retoma-se o objeto de pesquisa analisado anteriormente em artigo para o Intercom Nacional de 2010, agora sob nova ótica, a partir dos conceitos elucidados ao longo do ano de pesquisa.
 2. Co-autora do trabalho e acadêmica do 5º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria, e-mail: aschutzdias@hotmail.com
 3. Autor do trabalho e acadêmico do 5º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria, e-mail: glm_2311@hotmail.com
 4. Orientadora do grupo e chefe do Departamento de Ciências da Comunicação, e-mail ada.machado@pq.cnpq.br



Fronteiras: desconexas e ambivalentes

"O que hoje existe não é comunidade: é simplesmente o rebanho. Os homens se unem porque têm medo uns dos outros e cada um se refugia entre os iguais. [...] Uma comunidade formada por indivíduos atemorizados com o desconhecido que levam dentro de si. Sentem que já periclitarão todas as leis em que baseiam suas vidas, que vivem conforme mandamentos antiquados. (HESSE, 1919, p. 157-158)

As fronteiras são usualmente tratadas como um espaço desconexo do ambiente nacional e que devem ser analisadas com precauções especiais. Na Tríplice Fronteira, esse fenômeno se amplifica. A região é o encontro de três países – Brasil, Paraguai e Argentina – e, mais especificamente, de três cidades: Foz do Iguaçu (BR), Ciudad del Este (PY) e Puerto Iguazú (AR) que são separadas pelos rios Paraná e Iguaçu e integram uma malha urbana com cerca de 700 mil habitantes. A fixação dessa fronteira aconteceu em 1872, depois da guerra da Tríplice Aliança. O contexto de pós-guerra somado à ambivalência que é própria das regiões de encontro entre países gerou conseqüências que podem ser observadas até os dias de hoje. Nos últimos anos, a fronteira tripla – e, mais especificamente, as bordas brasileiras com o Paraguai – transformou-se na principal rota de tráfico de drogas, de armas e de contrabando da América do Sul.

Tem-se como objeto de análise o fazer noticioso de fatos ocorridos na Tríplice através do diário Gazeta do Iguaçu. Empiricamente, verificou-se que os critérios de noticiabilidade jornalística utilizados pelo periódico são rotineiramente estruturados em torno de pautas como a violência, o terrorismo, as contravenções legais e a exclusão social na região.

Desse modo, a comunicação local, nacional e internacional trabalha com a hipótese de impossibilidade de existência pacífica e lícita na região, o que retroalimenta o imaginário da violência e, ainda mais profundamente, no medo brasileiro de ser vítima dos “vizinhos desordenados”.

O presente trabalho elabora-se a partir das teorias de Michel Foucault sobre o olhar burocrático e a ordem do discurso, de Wilson Bueno sobre o uso das fontes jornalísticas, de Jesús Martín-Barbero sobre comunicação, cultura e hegemonia e da coordenadora deste projeto, Ada Cristina Machado da Silveira, sobre ambivalência midiática na cobertura jornalística de fronteiras.



As fronteiras se movem como as bandeiras⁵

Devido à falta de consenso entre os historiadores brasileiros sobre os motivos da Guerra do Paraguai, optamos pela obra “Maldita Guerra”, de Francisco Doratioto, que se situa entre dois polos historiográficos de diferentes momentos: o polo nacionalista, que culpa o expansionismo territorial de Francisco Solano López na origem do conflito e o outro, comprometido com a luta ideológica da Guerra Fria, que apresenta o imperialismo britânico como causador dos combates da Tríplice Aliança.

De acordo com Doratioto, a Guerra do Paraguai⁶ emergiu dos conflitos causados pelo surgimento dos Estados nacionais sul-americanos. Após o término da Guerra do Prata, em 1852, a região experimentou um período de relativa estabilidade política. Entretanto, os interesses de cada país se sobressaíam aos desejos de paz: os antigos ranços fronteiriços, a liberdade de navegação na Bacia do Prata, o acesso ao Oceano Atlântico e os desentendimentos internos de cada país acabaram por deflagrar a Guerra da Tríplice Aliança.

Ao fim da Guerra, entre todas as perdas, as maiores foram do Paraguai. A Tríplice Aliança, apesar das baixas oficiais e dos prejuízos financeiros, anexou parte das terras mais férteis do Paraguai aos territórios brasileiros e argentinos. O país guarani, porém, perdeu parcelas consideráveis de sua população – da mesma forma, não há um consenso quanto aos números absolutos –, mas estimativas contemporâneas calculam baixas de 15 a 20% da população. Ademais, estava inaugurada a dívida externa do Paraguai: ao fim da guerra, com os cofres públicos arruinados, o governo se viu obrigado a pedir um empréstimo de um milhão de libras à Inglaterra.

⁵ O entretítulo é inspirado no verso da canção “Frontera”, do cantor e compositor uruguaio Jorge Drexler. Em espanhol: “Y las fronteras se mueven como las banderas”.

⁶ Segundo Doratioto, “a guerra era vista por diferentes ópticas: para Solano López era a oportunidade de colocar seu país como potência regional e ter acesso ao mar pelo porto de Montevideú, graças à aliança com os blancos uruguaios e os federalistas argentinos, representados por Urquiza; para Bartolomeu Mitre era a forma de consolidar o Estado centralizado argentino, eliminando os apoios externos aos federalistas, proporcionando pelos blancos e por Solano López; para os blancos, o apoio militar paraguaio contra argentinos e brasileiros viabilizaria impedir que seus dois vizinhos continuassem a intervir no Uruguai; para o Império, a guerra contra o Paraguai não era esperada, nem desejada, mas, iniciada, pensou-se que a vitória brasileira seria rápida e poria fim ao litígio fronteiriço entre os dois países e às ameaças à livre navegação, e permitira depor Solano López”. (2002, p. 95 e 96).



Dramas do século XX e o imaginário do medo

O contexto em que *Demian* foi escrito – uma das principais obras de Hermann Hesse e de onde foi extraída a epígrafe deste trabalho – apesar de estar situado em tempo cronológico distinto, assemelha-se muito à situação de formação dos Estados nacionais sul-americanos. Em 1919, época em que o romance foi escrito, a Europa contabilizava os estragos da 1ª Guerra Mundial, guerra essa que foi deflagrada pelos conflitos de interesses entre as potências.

O Brasil, por sua vez, dava os primeiros passos de reaproximação com os paraguaios no final da década de 1930 e no início dos anos 40. A reconciliação culminou na construção da *Ponte da Amizade*, em 1965, que liga a cidade de Foz do Iguaçu a Ciudad Del Este, e na assinatura da *Ata do Iguaçu* que levaria, em 1982, à inauguração da hidrelétrica binacional de Itaipu.

Apesar da pacificação e das relações diplomáticas sustentáveis, no campo simbólico, as relações mantiveram-se atreladas ao imaginário da disciplina calcada na legalidade, controlada através do monitoramento constante das fronteiras e do expurgo do ilícito. O resultado do insuflar constante desse imaginário torna os indivíduos atemorizados pelo desconhecido, ainda que não saibam onde e quando este foi construído. O atemorizar da sociedade reflete diretamente na mídia e nos profissionais de comunicação, que retroalimentam o imaginário, que novamente agenda os *medias, ad infinitum*.

Crenças como opinião, ambivalência na cobertura, a perda do espírito cidadão e a ‘polícia discursiva’

A recorrência dos signos de violência e de contravenção legal atribuídos ao vizinho paraguaio faz com que a representação noticiosa dos fatos reflita esta própria concepção, já que “as crenças se recolocam no espaço da comunicação, de sua circulação na imprensa, a massa é convertida em público e as crenças em opinião” (MARTÍN-BARBERO, 2003. p.63).

Da mesma forma que em *Demian*, a vida em espaços de encontro provoca a angústia provocada pelo sentimento de ambivalência. Se, no romance de Hermann Hesse, os conflitos de Emil Sinclair, o personagem principal, revolviam em meio a dois pólos – o de uma vida regida, de um lado, pelos princípios da família burguesa, do Estado e da religião e, de outro, se põe um novo mundo de valores inversos aos que estava habituado o protagonista –, na *Tríplice* as tensões vagueiam entre o lícito e o ilícito. O ator social vive na dicotomia entre o



Estado – e, conseqüentemente, da crise das instituições – e a sociedade “caótica” que deambula pelas fronteiras e pelas periferias metropolitanas.

Assim, “distante de compreender o aspecto transitório de uma identidade, referenda-se reiteradamente o seu caráter, sua permanência ou adequação a um imaginário congelado no tempo”, conforme os conceitos de Machado sobre a ambivalência na cobertura das periferias nacionais.

“É difícil não relacionar certa prática jornalística com o momento burocrático. Ao alinhar-se tão rigidamente com a perspectiva de que o poder instituído constrói e ponderando sobre os modos de ver, sugere-se que o jornalismo está se apropriando de uma tarefa do poder instituído ao construir juízos através da noticiabilidade.” (SILVEIRA, 2010, p.4)

Além disso, há outro fator que está intrínseco a essa relação: a seleção de fontes pela mídia noticiosa local e nacional. Para Wilson Bueno (2007), a imprensa está cada vez mais acomodada àquilo que está ao alcance das mãos e, por isso, torna-se refém de informantes previamente estabelecidos.

Por um viés inerente à rotina da produção jornalística, elas se repetem com uma certa regularidade sobretudo em determinadas coberturas, o que, de imediato, compromete a qualidade do debate que frequenta as páginas dos nossos principais jornais e revistas. (BUENO, 2007)

Ainda mais grave, segundo Bueno (2007), é a diminuição na diversidade de vozes, que restringe o círculo de atores sociais autorizados a participar do debate público e, por conseguinte, ocasiona a perda do espírito democrático e de cidadania, já que a preferência se dá “por fontes oficiais, mantidas pelo Estado; por instituições que preservam algum poder de Estado, como juntas comerciais e os cartórios de ofício; e por empresas e organizações, como sindicatos, associações, fundações, etc.” (LAGE, 2006. p.63).

Se em primeira instância a escolha do informante está condicionada à prática do jornalismo, na etapa posterior – de construção do texto noticioso – o discurso da fonte estará sempre sujeito à aprovação do jornalista, na medida em que este seleciona a fala mais conveniente a ser publicada. Submetendo-se, segundo Foucault (2009. p.35), “às regras de uma ‘polícia’ discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos”.

A “polícia discursiva” conceituada por Foucault amarra o jornalismo ao imaginário burocratizado da violência, dos crimes de descaminho e do contrabando, instigando o medo, a



angústia e a segregação entre o considerado lícito e moral versus o ilegal – que, na maioria das vezes é medido pelo atravessar da Ponte da Amizade. Simultaneamente, a perda do espírito democrático e cidadão, discutida por Bueno e a re colocação das crenças no espaço de comunicação de Martín-Barbero conjeturam em uma cobertura jornalística de fronteira ambivalente – e distante de compreender o aspecto transitório de uma identidade, congelando-a no tempo –, conforme a proposição de Silveira.

Metodologia:

A cobertura jornalística analisada no presente artigo foi a do diário “Gazeta do Iguazu”, de Foz do Iguazu, Paraná. A sua escolha foi motivada pelo fato desse veículo ser um dos jornais de produção local de maior destaque na cidade. Sua circulação média é de 9000 exemplares por dia, excetuando feriados e finais de semana. Além disso, o diário possui um *sítio eletrônico* atualizado a cada nova edição impressa.

O *corpus de análise* dessa pesquisa corresponde às matérias relacionadas à Tríplice Fronteira, publicadas no sítio do jornal Gazeta do Iguazu nos períodos de janeiro a abril de 2006 e de maio a agosto de 2007. No decorrer da análise, foi possível verificar a presença dos seguintes marcadores de discurso: fronteira, periferia, Argentina e Paraguai, sendo admitidas variações de um mesmo radical e termos genéricos (ex: “fronteira” por “fronteiriço”, “Paraguai” por “paraguaio”, “periferia por “favela”). Ao todo, foram computadas 203 edições, sendo encontrados tais marcadores em 200 edições. Foram mencionados 375 vezes o termo “fronteira”; 79 “periferia”; 140 “Argentina”; 432 “Paraguai” e suas respectivas variações.

Preliminarmente, foi organizada uma tabela correlacionando os dados – número da edição, data, verificação de possível relevância nacional do assunto, título da matéria, seção na qual se encontrava (sendo eles: cidade, região, nacional, internacional, geral, polícia, política e economia) e os já citados marcadores – que compunham cada edição. Para a confecção da referida tabela, foram necessárias cerca de 20 horas de trabalho. Feita a tabela, uma matéria foi submetida a análise sócio-semiótica.



Análise dos dados:

Apresenta-se abaixo um corpus exemplar. A escolha da matéria que aparece como exemplo foi motivada por apresentar os elementos que caracterizam nitidamente as relações midiáticas e de poder da Tríplice Fronteira, anteriormente conceituadas.

Matéria 1	
Categoria	Aplicação
Jornal	Gazeta do Iguçu
Data	2 de janeiro de 2006, edição 5239
Título	Número de homicídios diminuiu em 2005
Editoria	Polícia
Destaque	Nenhum
Assinatura	Gilberto Vidal
Páginas	---
Número de páginas	---
Fotos	Uma
Descrição das fotos	- Dois policiais civis embarcando um caixão coberto por uma manta na van do Instituto Médico Legal
Legendas	Uma
Transcrição das legendas	Queda foi reflexo de megaoperações desencadeadas durante cinco meses na cidade.
Infografia	Nenhuma
Descrição da Infografia	---
Chamada	Queda foi reflexo de megaoperações desencadeadas durante cinco meses na cidade
Pessoas referidas	- Diretor administrativo do IML, Marcelo Moura - Manoel Carlito Mendes, vendedor esquartejado por quadrilha - Fabrício Abreu da Silva, suposto assassino do vendedor - Osair França Roman, suposto assassino do vendedor
Fontes explicitadas	- Delegacia de Homicídios - Instituto Médico Legal
Argumento discursivo	Redução na criminalidade é reflexo da punição
Transcrição de destaques	- Para Moura, a redução está ligada às megaoperações Foz Segura I e II desencadeadas durante cinco meses do ano. O policiamento ostensivo e repressivo — encabeçado pelas policiais

	<p>Militar e Civil — e as rondas nos bairros realizadas pelos xerifes da Guarda Municipal reprimiram a ação de criminosos radicados na fronteira. “Se não tivéssemos as operações, certamente haveria um índice igual ou até superior a de 2004”, considerou Moura. A prisão de dezenas de homicidas, a morte de vários bandidos — muitos concorrentes entre si —, a queda do contrabando — principalmente o de cigarro — provocada pelas ações da Receita Federal — e a repressão ao tráfico de drogas — coordenada pela Polícia Federal também são fatores que ajudaram a frear os crimes contra a vida no município, onde vivem mais de 300 mil pessoas.</p> <p>- “A estatística de órgãos policiais de Foz revela que mais de 60% das vítimas de homicídio tinham baixo nível de escolaridade, residiam na periferia e possuíam antecedentes criminais. Na maioria das vezes, as execuções aconteceram nos fins de semana e estavam relacionadas a atividades ilícitas na fronteira entre o Brasil e o Paraguai, como o tráfico de drogas, o roubo de carros e o contrabando de cigarros.”</p>
--	--

Que el mundo está como está por causa de las certezas⁷

A matéria analisada noticia a divulgação da estatística do Instituto Médico Legal (IML) que contabiliza as mortes por homicídio que ocorre no começo de cada ano, constatada no *corpus* da pesquisa. Intitulada “Número de homicídios diminuiu em 2005”, a reportagem é assinada pelo jornalista Gilberto Vidal e datada de dois de janeiro de 2006.

A fotografia que acompanha a matéria apresenta dois policiais civis embarcando um caixão coberto por uma manta no carro do Instituto Médico Legal. Logo na chamada, referencia-se que a queda no número de homicídios foi reflexo de megaoperações (sic) realizadas durante cinco meses na cidade, o que é reiterado na legenda da foto. Apesar de vítimas e agressores terem sido citados no texto, as fontes consultadas foram de órgãos oficiais: o IML e a Delegacia de Homicídios de Foz do Iguaçu.

⁷ O entretítulo é inspirado no verso da canção “Frontera”, do cantor e compositor uruguaio Jorge Drexler. Em português: “se o mundo está como está é por causa das certezas”.



O argumento que permeou o discurso foi de que a redução na criminalidade é um reflexo da repressão policial, o que fica evidente no seguinte trecho: “O policiamento ostensivo e repressivo encabeçado pelas polícias Militar e Civil – e as rondas nos bairros realizadas pelos xerifes da Guarda Municipal reprimiram a ação de criminosos radicados na fronteira”. Logo após, a fala do diretor-administrativo do IML, Marcelo Moura, confirma o dito: “Se não tivéssemos as operações, certamente haveria um índice igual ou até superior ao de 2004”. O jornalista vai além, corroborando que toda a contravenção deve ser reprimida:

A prisão de dezenas de homicidas, a morte de vários bandidos — muitos concorrentes entre si —, a queda do contrabando — principalmente o de cigarro — provocada pelas ações da Receita Federal — e a repressão ao tráfico de drogas — coordenada pela Polícia Federal também são fatores que ajudaram a frear os crimes contra a vida no município, onde vivem mais de 300 mil pessoas.

O trecho evidencia a recolocação das crenças e das certezas pessoais no espaço da comunicação e sua circulação na imprensa, conforme propôs Martín-Barbero. Neste caso específico, a crença – ainda que o jornalista dispense reflexão aprofundada do assunto – de uma sociedade atemorizada torna-se opinião recorrente.

Ainda que o texto da Gazeta do Iguazu seja objetivo e não apresente grandes recursos estilísticos e frasais, a escolha de fontes faz com que a apresentação de determinados fatos não seja tão ingênua quanto se pode supor ao analisar a construção textual da notícia.

As fontes privilegiadas são oficiais, geralmente advindas de instituições governamentais e burocratizadas, que refletem o pensamento foucaultiano, na medida em que seus discursos estão centralizados na necessidade de vigilância das fronteiras para assim manter o controle da ordem e expurgar os inaptos a participar dessa sociedade organizada em princípios de legalidade e ordem fiscal.

O ciclo vicioso – que começa na formação histórica e indenitária de um espaço forjado nos contrastes e contradições do Estado moderno e termina na retroalimentação de identidade por uma mídia que surge naquele mesmo contexto – é de aparente insolubilidade. Para Martín-Barbero, “as culturas vivem enquanto se comunicam umas com as outras e esse comunicar-se comporta um denso e arriscado intercâmbio de símbolos e sentidos”. Quando esses sinais giram em torno de um imaginário de violência, contravenção e medo observa-se que os fatores culturais têm sido ultrapassados ou ignorados pela comunicação. Se os signos refletem uma sociedade esquizofrênica e atemorizada, há indícios que o papel comunicativo não tem se realizado com eficiência.



Ainda para Martín-Barbero, a comunicação competente significa a “colocação em comum da experiência criativa, o reconhecimento das diferenças e a abertura para o outro”. O comunicador deveria figurar como intermediário e abolir as barreiras que reforçam a exclusão, assumindo o papel de mediador e colocando em comum os sentidos da sociedade, com o desígnio de criar na comunidade a capacidade de narrar/construir uma identidade coletiva.

A indagação que resta, ao término deste trabalho, é como construir um jornal para a população local que, ao invés de amplificar as tensões sociais – estas que existem de fato, que não são somente imaginárias -, dê voz à diversidade, desconstrua crenças e preconceitos e que reúna o “rebanho” para a formação de um sentimento de comunidade. Pois, se o mundo está como está, é por causa daquelas “certezas”.



BIBLIOGRAFIA

BUENO, W. C. **Jornalismo, diversidade das fontes e democracia**. Disponível em: <http://portalimprensa.uol.com.br/colunistas/colunas/2007/07/16/imprensa7.shtml>. Acesso em: 2 de abril 2011.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. 18º Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009

LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

SILVEIRA, A. C. M. **Modos de ver e devorar o outro: a ambivalência na cobertura jornalística das periferias**. Revista GHREBH, 2010. Disponível em: <http://www.observatoriodeseguranca.org/files/index.pdf>. Acessado em: 2 de abril de 2011.

ANEXOS

Polícia

Número de homicídios diminuiu em 2005

Queda foi reflexo de megaoperações desencadeadas durante cinco meses na cidade



Queda foi reflexo de megaoperações desencadeadas durante cinco meses na cidade

Gilberto Vidal

Fotos: Robson Meireles

Os casos de homicídios em 2005 sofreram uma ligeira queda — em torno de 4% — em relação ao ano anterior. Nos últimos 12 meses, 285 pessoas foram assassinadas na cidade contra 298 ocorrências, seis delas foram de latrocínio (roubo seguido de morte) registradas pelo Instituto Médico Legal (IML) em 2004. A estatística de mortes violentas foi divulgada ontem pelo diretor-administrativo do IML, Marcelo Moura. No último ano, o iguaçuense conviveu, em média, com 23,75 casos de assassinatos por mês, em diferentes bairros da cidade. Entre as causas das mortes apareceram mais uma vez a vingança e o acerto de contas entre as vítimas e os algozes. Mesmo com a queda nas mortes, o índice de 2005 ainda foi superior aos de 2000 (178 homicídios); 2001 (243 mortes); 2002 (272 assassinatos) e 2003 (254 homicídios). No ano passado, a exemplo dos anteriores, grande parte das vítimas era jovem — com idade entre 14 e 30 anos — que acabou morta com tiros de arma dos mais variados calibres. Para Moura, a redução está ligada às megaoperações Foz Segura I e II desencadeadas durante cinco meses do ano. O policiamento ostensivo e repressivo — encabeçado pelas policiais Militar e Civil — e as rondas nos bairros realizadas pelos xerifes da Guarda Municipal reprimiram a ação de criminosos radicados na fronteira. “Se não tivéssemos as operações, certamente haveria um índice igual ou até superior a de 2004”, considerou Moura. A prisão de dezenas de homicidas, a morte de vários bandidos — muitos concorrentes entre si —, a queda do contrabando — principalmente o de cigarro — provocada pelas ações da Receita Federal — e a repressão ao tráfico de drogas — coordenada pela Polícia Federal também são fatores que ajudaram a frear os crimes contra a vida no município, onde vivem mais de 300 mil pessoas.

Brutalidade



Entre as mortes brutais registradas em 2005 está a do vendedor Manoel Carlito Mendes ocorrida na manhã de 7 de setembro. Ele foi espartilhado por uma perigosa quadrilha que agia no Morumbi.

Naquele dia a Polícia Militar localizou, após uma denúncia anônima, uma cabeça humana sobre a calçada da Avenida Mário Filho, na região do Morumbi III. O resto do corpo do homem, identificado como o do vendedor Manoel Carlito, acabou encontrado à beira do mato de um terreno baldio, situado perto do local onde a cabeça foi achada. Ao lado dela, a polícia apreendeu um bilhete ameaçador. Durante a perícia da Criminalística foi constatado que a vítima teve a mão esquerda decepada por seus algozes. A polícia só encontrou o membro, por meio de uma nova denúncia, num córrego da Avenida Mário Filho, quando o cadáver já estava no IML.

Dez dias depois da barbárie, a Polícia Civil mandou para a cadeia Fabrício Abreu da Silva, 18, e Osair França Roman, 26. Ambos acabaram identificados como sendo os supostos assassinos do vendedor. O crime teria sido praticado por vingança.

Antecedentes

A estatística de órgãos policiais de Foz revela que mais de 60% das vítimas de homicídio tinham baixo nível de escolaridade, residiam na periferia e possuíam antecedentes criminais. Na maioria das vezes, as execuções aconteceram nos fins de semana e estavam relacionadas a atividades ilícitas na fronteira entre o Brasil e o Paraguai, como o tráfico de drogas, o roubo de carros e o contrabando de cigarros. As diligências realizadas por investigadores da Delegacia de Homicídios – somadas às denúncias feitas pela comunidade – possibilitaram à polícia elucidar, pelo menos, 60% dos assassinatos ocorridos na cidade.